



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

Maracás, troncos, abanicos, tambores e vassouras ? as coisas nas cerimônias da Native American Church

Autoria: Rodrigo Iamarino Caravita (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

O propósito deste work é investigar a materialidade (os materiais, as coisas) nas cerimônias da Native American Church (NAC), uma igreja nativa fundada por indígenas e não-indígenas no final do século XIX com o propósito de garantir o uso ritual do peyote frente a legislação dos EUA, que proibia seu uso sob a alegação de ser uma substância psicotrópica, uma droga. Como a legislação garantia a liberdade de culto e crenças, os fundadores da NAC conseguiram o direito para seu uso ritual ? direito este que continua até os dias atuais. Tais cerimônias possuem uma estrutura extremamente rígida. Primeiramente, um sponsor, como é chamado, membro da igreja, convoca uma cerimônia para algum propósito: comemorar um aniversário, pedir a cura por alguma doença, agradecer alguma benção recebida etc. O sponsor também é responsável por convidar as pessoas, convidar o chefe cerimonial (roadman) e organizar toda a estrutura básica. No dia da cerimônia uma tipi (famosa estrutura cônica dos indígenas norte-americanos) é erguida seguindo estritos preceitos: quantidade exata de troncos de madeira, orientação da porta de acordo com o nascer do sol, maneira correta de erguer e dispor os troncos, um modo específico para a montagem da lona que cobrirá a estrutura etc. Durante a cerimônia, o desenho é igualmente rígido: 12 horas sentado sem poder esticar as pernas e sem poder sair da tipi. A cerimônia é também orientada por uma série de objetos cerimoniais extremamente importantes e por todo um cuidado em manuseá-los: tambores, penas, cachimbos, chocalhos, cigarros feitos em palha de milho etc. Sem falar na diversidade de objetos cerimoniais manuseados pelo chefe. A NAC segue dois preceitos básicos: beleza e harmonia. O desenho cerimonial é seguido à risca como forma de garanti-los: em diversos momentos o chão, geralmente de terra, é varrido e limpo; o fogo central é organizado a todo o momento, tanto na forma correta de disposição da lenha quanto na organização das cinzas, que, aos poucos,



formam desenhos cerimoniais; um pau de madeira circula por todos os participantes, que, em sua posse, podem entoar canções, sempre acompanhados pelo responsável em tocar o tambor; as próprias canções devem ser belas, harmônicas e condizentes com o momento cerimonial. Todas estas coisas e as relações dos participantes com elas organizam e orientam a experiência cerimonial ? isto é, não são detalhes, são fundamentos. Fundamentos que às vezes passam despercebidos nas etnografias, mas que são essenciais para o bom funcionamento da cerimônia e também na vida cotidiana dos participantes.

[Trabalho completo](#)



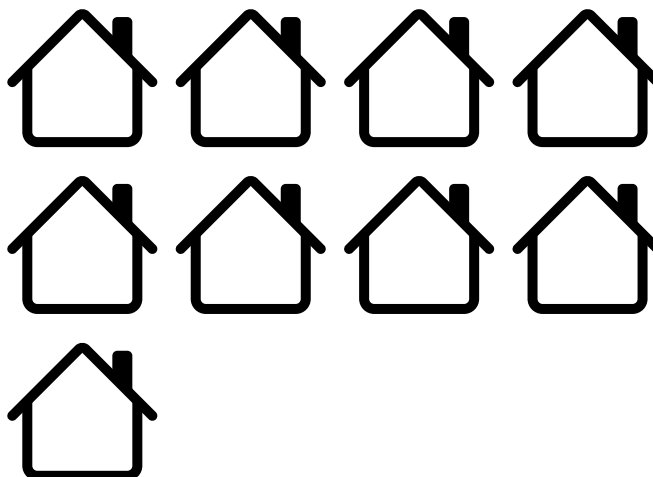
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: